

CRÔNICAS IBERO ISLÂMICAS DO SÉCULO VIII: ENSINANDO HISTÓRIA PARA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

IBERO-ISLAMIC CHRONICLES OF THE 8TH CENTURY: TEACHING HISTORY FOR
IDENTITY CONSTRUCTION

Rodrigo dos Santos Rainha¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo explora a crônica bizantino-arábica e a Crônica Moçárabe de 754, abordando como essas fontes históricas podem ser analisadas para compreender a construção de um modelo didático-pedagógico voltado à identidade na Península Ibérica do século VIII. Utilizando uma perspectiva historiográfica crítica, questiona-se a visão tradicional da "invasão árabe-islâmica" e discutem-se os vieses e as interpretações dessas crônicas. A análise fundamenta-se na teoria de Carlo Ginzburg em *Nenhuma Ilha é uma Ilha*, bem como em estudos contemporâneos de Eduardo Manzano Moreno, Ann Christys, Kenneth Baxter Wolf, Isabel Fierro, Alejandro García Sanjuán, Tahiri, José Carlos Martín, Rodrigo Rainha e António Rei, na busca de uma compreensão ampliada pela comparação destes documentos.

Abstract: This article explores the Byzantine-Arabic chronicles and the Mozarabic Chronicle of 754, examining how these historical sources can be analyzed to understand the pedagogical model aimed at identity construction in the 8th-century Iberian Peninsula. Using a critical historiographical perspective, the traditional view of the "Arab-Islamic invasion" is questioned, and the biases and interpretations of these chronicles are discussed. The analysis is based on Carlo Ginzburg's theory in *No Island is an Island*, as well as contemporary studies by Eduardo Manzano Moreno, Ann Christys, Kenneth Baxter Wolf, Isabel Fierro, Alejandro García Sanjuán, Tahiri, José Carlos Martín, Rodrigo Rainha and António Rei, where we Search a comparison of this documents.

¹ Doutor em História Comparada pela UFRJ. Professor Adjunto de História Medieval da UERJ. Professor da Universidade Estácio de Sá. E-mail para contato rodrigo.rainha@ensineme.com.br.

Um problema historiográfico: o controle da memória e a construção da história nas relações ibéricas

Como professor de Península Ibérica na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, chama atenção a miopia na interpretação das representações do mundo ibérico, ainda vinculadas a um modelo ultrapassado de herança, permanência e outros conceitos que, aplicados sem reflexão crítica, tornam a compreensão absolutamente inviável.

Nosso objetivo é perceber o funcionamento desse passado em um momento particularmente emblemático da história ibérica: o período conhecido como "invasão árabe-islâmica" à Península Ibérica. Questiona-se a narrativa tradicional e propõe-se uma reinterpretação baseada em evidências arqueológicas e crônicas da época, como a *Crônica Moçárabe de 754* e as crônicas bizantino-arábicas. Estas fontes oferecem perspectivas variadas sobre a dinâmica política, social e cultural que marcou a formação de al-Andalus.

A chegada dos muçulmanos à Península Ibérica, tradicionalmente vista como uma invasão abrupta, é tema de controvérsias. A historiografia moderna sugere que o evento pode ser compreendido como uma série de acordos e colaborações, ao invés de uma conquista puramente militar. Os visigodos, que governavam a Península antes da chegada dos muçulmanos, apresentavam uma organização marcada pela centralização do poder na nobreza e no clero. A fragmentação do poder e as lutas internas facilitaram a entrada dos novos conquistadores. A Igreja visigótica desempenhava um papel central na sociedade, tanto religiosamente quanto politicamente, e sua resposta à chegada dos muçulmanos foi crucial na formação das primeiras crônicas que registram esses eventos.

Os invasores muçulmanos, em sua maioria berberes do Norte da África liderados por uma elite omíada, estabeleceram al-Andalus, com Córdoba como centro político e cultural. A tradição histórica ibérica esteve, portanto, marcada por uma dualidade: o modelo triunfalista romano, que enfatiza a conquista e a glória militar, e o modelo cronístico da Igreja, focado na preservação da fé e na resistência ao invasor.

A *Crônica Moçárabe de 754* é uma das primeiras fontes a registrar a chegada dos muçulmanos à Península Ibérica. Escrita por um cristão sob domínio islâmico, ela oferece uma perspectiva única sobre os eventos e as interações entre comunidades religiosas. Já a crônica bizantino-arábica fornece uma visão complementar, escrita sob a perspectiva dos conquistadores muçulmanos, ajudando a entender a lógica da expansão

islâmica e as relações com as populações locais.

A comparação entre essas crônicas revela diferentes vieses e interpretações dos eventos históricos, mostrando como cada grupo construiu sua identidade e narrativa histórica. Estudar essas fontes sob uma perspectiva crítica possibilita uma compreensão mais complexa e nuançada da história ibérica no século VIII.

O contexto histórico

A tradição de estudos ibéricos ao longo do século XX frequentemente enfatizou a ideia de uma invasão árabe-islâmica na Península Ibérica, inserindo-a em um contexto de crise política e social do reino visigodo. Contudo, a arqueologia contemporânea e novas abordagens historiográficas contestam essa visão simplista, rediscutindo o papel dos visigodos e a dinâmica sociopolítica da época. Evidências sugerem que, em vez de uma invasão puramente militar, houve interações complexas entre diferentes grupos, resultando em uma continuidade cultural e social.

Esse debate entre ruptura e continuidade é central para compreender os eventos do século VIII. As crônicas da época, influenciadas por diferentes tradições culturais, revelam uma tapeçaria rica de diálogos e trocas que moldaram a sociedade ibérica.

Para analisar essa perspectiva, recorre-se aos conceitos de Carlo Ginzburg em *Nenhuma Ilha é uma Ilha* (2003), em que ele apresenta a cultura como a cultura é uma rede de relações, onde cada elemento é influenciado e moldado por outros. Isso ilustra nossa defesa de como interações entre muçulmanos e cristãos resultaram em um rico intercâmbio cultural.

A crônica, enquanto narrativa breve, desempenhou um papel crucial na educação medieval, especialmente na relação entre mestres e discípulos. As crônicas não apenas retratavam eventos históricos, mas também criavam personagens que atuavam como modelos de conduta, facilitando a transmissão de valores e normas sociais.

Outro conceito relevante apresentado por Carlo Ginzburg é a ideia de que "a identidade cultural é sempre uma construção coletiva, resultante de trocas e influências mútuas" (Ginzburg, 2003, p. 45). Essa perspectiva é particularmente pertinente ao analisar as crônicas ibéricas do século VIII, pois elas não apenas registram eventos históricos, mas também refletem a complexidade das identidades em formação no contexto de coexistência cultural. As crônicas revelam como as narrativas históricas

foram moldadas por uma interação contínua entre as tradições cristãs e islâmicas, oferecendo uma visão mais rica e nuançada do que a simples noção de invasão.

Por fim, destacamos que a *Crônica Moçárabe de 754*, no século VIII, não foi meramente um relato de eventos, mas também um instrumento político e social. Ao narrar os desafios enfrentados pelos cristãos sob domínio muçulmano, ela procurava preservar a identidade cultural e religiosa dessa comunidade em um ambiente de intensas transformações. Já as crônicas bizantino-arábicas, ao descreverem os sucessos da expansão islâmica, buscavam legitimar o poder dos governantes muçulmanos e promover uma visão de integração das populações locais dentro da nova ordem política e social.

Essa análise contextual ilustra a riqueza das trocas culturais e a complexidade das narrativas concorrentes que moldaram as identidades da Península Ibérica. Compreender essas crônicas como fontes multifacetadas permite uma reinterpretação da história, fugindo de visões simplistas e valorizando a diversidade de experiências e perspectivas.

O que faremos daqui por diante é questionar até mesmo essas afirmativas, trazendo autores diversos, olhares sob uma perspectiva que indicam que estes documentos do século VIII são ricos de perspectiva histórica. Para isso, estabeleceremos um debate entre visões diversas de historiadores, traçando perspectivas diversas de pensamento e compreensão deste documento.

A implementação de uma abordagem comparada para a historiografia é um exercício necessário a historiadores e a implementação da metodologia fortalece a compreensão, direciona os caminhos e define de forma mais estruturada o esforço realizado por pesquisadores para a compreensão das relações entre muçulmanos e cristãos na Península Ibérica do século VIII.

Em seguida, então, elegemos aspectos que podem ser observados nas duas crônicas, analisando como esses aspectos são abordados de formas vivas e diversas.

O debate historiográfico

O contar a história sempre foi uma prática essencial para a compreensão da humanidade, e as crônicas desempenham um papel fundamental nesse processo, atuando como registros do tempo e testemunhos das experiências vividas. A crônica,

enquanto forma literária, tem suas raízes em tradições mediterrânicas distintas, com duas influências predominantes: a oriental, islâmica e judaica, e a greco-romana ocidental. Essas tradições moldaram a maneira como os eventos eram narrados e percebidos. A lógica das crônicas foi alterada com a ascensão da Igreja Romana, que introduziu uma concepção linear do tempo, em contraste com a visão cíclica mais comum nas culturas orientais e nas tradições greco-romanas. Esse novo entendimento do tempo e da história influenciou diretamente a forma e o conteúdo das crônicas que surgiram na Península Ibérica durante o século VIII.

A *Crônica Moçárabe de 754* é um exemplo significativo da crônica ibérica, escrita por um autor cristão sob domínio muçulmano. Surgida em um contexto de tensões e transformações, essa crônica reflete uma tentativa de reconciliar a tradição cristã com a nova realidade islâmica. Segundo Manzano Moreno, "a *Crônica Moçárabe* é uma tentativa de legitimar a identidade cristã em um ambiente hostil, preservando a memória dos eventos que moldaram a história visigoda" (2009, p. 145). A obra é um testemunho das interações entre cristãos e muçulmanos, oferecendo uma perspectiva única sobre os desafios enfrentados pelas comunidades cristãs na Península.

Além disso, Wolf observa que "a crônica não apenas documenta a invasão, mas também expressa uma resistência cultural que permeia a narrativa" (1999, p. 89). O foco do autor é examinar as narrativas dos mártires cristãos na Espanha muçulmana, destacando como essas histórias foram usadas para construir e reforçar uma identidade cristã distinta. Wolf argumenta que o martírio serviu como um símbolo potente de resistência e resiliência espiritual, refletindo temas mais amplos de negociação religiosa e cultural.

Essa perspectiva é reforçada por Fierro, que destaca que "a *Crônica Moçárabe* funciona como um meio de preservação da memória coletiva, inserindo-se em um debate mais amplo sobre a identidade na Península Ibérica" (2010, p. 67). A análise de Isabel Fierro sobre o reinado de Abd al-Rahman III ilustra como suas políticas não apenas fortaleceram o poder político e militar do Califado de Córdoba, mas também fomentaram um renascimento cultural. Fierro enfatiza o uso estratégico da religião e da cultura por parte do califa para legitimar seu governo e integrar diversas comunidades dentro de al-Andalus (2010, p. 102).

Isabel Fierro, em seus estudos sobre a Península Ibérica sob domínio islâmico,

ênfatisa a complexidade das interações entre muçulmanos e cristãos. Ela argumenta que a *Crônica Moçárabe de 754* não apenas preserva a memória dos eventos históricos, mas também reflete as tensões e adaptações culturais das comunidades cristãs vivendo sob domínio islâmico. Destaca que essa crônica é uma fonte valiosa para entender como os cristãos moçárabes negociavam sua identidade em um ambiente multicultural e multirreligioso.

Complementando essa perspectiva, o historiador marroquino Ahmed Tahiri oferece uma análise profunda das interações culturais e políticas na Península Ibérica do século VIII, com destaque para o impacto do domínio islâmico nas comunidades locais. Tahiri argumenta que o período inicial de al-Andalus foi marcado por um intenso cruzamento de influências culturais, que moldaram não apenas as estruturas sociais, mas também as formas de produção literária e historiográfica. Segundo ele, "o encontro entre as tradições árabe-islâmica e cristã na Península Ibérica deu origem a uma síntese cultural única, onde as fronteiras entre as identidades religiosas e culturais frequentemente se diluíam" (TAHIRI, 2011, p. 48).

Embora Tahiri não trate diretamente da *Crônica Moçárabe de 754*, sua análise sobre o momento histórico contribui para compreender como a convivência entre muçulmanos e cristãos gerou uma produção cultural híbrida e multifacetada. Ele destaca que as interações sociais e culturais resultaram em trocas contínuas, que enriqueceram as práticas culturais de ambos os lados, desafiando a visão tradicional de oposição rígida entre cristãos e muçulmanos.

Antônio Rei, em *Memória de uma cultura de resistência (séc. VIII-XII)*, destaca que as crônicas moçárabes, como a *Crônica Moçárabe de 754*, representam não apenas um registro da resistência cristã sob domínio islâmico, mas também um testemunho da complexa rede de relações políticas e culturais entre os conquistadores muçulmanos e as populações locais. Rei argumenta que, apesar de seu tom de lamentação e perda, essas crônicas evidenciam uma convivência marcada tanto por tensões quanto por trocas culturais e intelectuais. Ele ênfatisa que os cristãos moçárabes não foram meros observadores passivos de seu tempo, mas agentes ativos na preservação e adaptação de suas tradições culturais e religiosas dentro de um contexto islâmico.

Rei sublinha que, embora o tom das crônicas moçárabes esteja alinhado com uma narrativa de resistência cristã, elas também refletem influências literárias e

historiográficas do contexto islâmico, mostrando uma hibridização cultural na Península Ibérica do século VIII. Segundo ele, "essas influências demonstram como os cristãos moçárabes negociaram sua identidade em um mundo dominado pelo Islã, adotando e adaptando elementos culturais muçulmanos sem abandonar suas raízes" (*Medievalista*, n. 13, 2013, p. 15).

Esse posicionamento apresenta nuances em relação à visão de Kenneth Baxter Wolf, que enfatiza o martírio como elemento central na construção da identidade cristã moçárabe. Para Rei, embora o martírio seja uma dimensão importante, a adaptação cultural e a negociação identitária são aspectos igualmente centrais para entender o papel das comunidades moçárabes na história da Península Ibérica.

Portanto, as análises de António Rei oferecem uma compreensão aprofundada das crônicas moçárabes, evidenciando a complexidade das interações culturais e políticas na Península Ibérica durante os séculos VIII a XII.

A *Crônica Bizantino-Árabe* é uma obra anônima que narra eventos históricos da Península Ibérica, do reino visigodo e do império islâmico entre os séculos VII e VIII. A principal característica desse documento é sua continuidade das crônicas de João de Biclaro e Isidoro de Sevilha. O texto combina narrativas bizantinas e árabes, oferecendo uma perspectiva que evidencia a fusão cultural e política na transição entre os reinos visigodo e islâmico.

José Carlos Martín (2010) destaca que a crônica é composta por duas partes distintas. A primeira, derivada de fontes hispânicas como as *Histórias dos Godos* de Isidoro de Sevilha, concentra-se na história visigoda até o reinado de Suíntila (631). A segunda parte foca na ascensão do Islã, enaltecendo figuras como Maomé e os califas omíadas. Essa dualidade torna a obra um reflexo do contexto multicultural em que foi escrita.

Martín argumenta que a crônica foi escrita entre 743 e 744, durante o reinado de Walid II, possivelmente por um moçárabe em colaboração com um oficial islâmico. Essa parceria teria contribuído para o tom filoislâmico da narrativa, que exalta o Islã como portador de estabilidade e progresso em contraste com a decadência bizantina e visigoda. O texto como um instrumento apologético, destinado a leitores latinos, buscava legitimar o domínio islâmico sobre a Península Ibérica. Martín ressalta que a inclusão de fontes orientais e árabes foi crucial para consolidar a visão de superioridade cultural e

política do Islã.

Para Ann Christys, por outro lado, a *Crônica bizantino-arábica* oferece uma visão do ponto de vista dos conquistadores muçulmanos. Ele argumenta que "a crônica bizantino-arábica é fundamental para entender a perspectiva muçulmana sobre a conquista e a subsequente administração de al-Andalus" (2002, p. 34). Essa crônica enfatiza a legitimidade e a inevitabilidade da expansão islâmica, oferecendo justificativas teológicas e políticas para a conquista. Já segundo Alejandro García Sanjuán, "a crônica bizantino-arábica representa a narrativa oficial dos vencedores, buscando consolidar o poder muçulmano na região." (2013, p. 102). García Sanjuán apresenta uma reavaliação crítica da conquista islâmica da Península Ibérica, argumentando que as narrativas tradicionais muitas vezes distorcem as realidades históricas. Defende, então, uma compreensão mais nuançada que reconheça a conquista como um processo gradual e complexo, envolvendo negociação, assimilação e transformação. (García Sanjuán, 2013, p. 75).

Ann Christys, em seu livro *Christians in al-Andalus (711-1000)*, oferece uma visão detalhada e matizada das interações entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica, desafiando a tradicional dicotomia simplista de conflito versus coexistência. Christys argumenta que as relações entre essas comunidades eram multifacetadas e dinâmicas, caracterizadas tanto por tensões quanto por colaborações, com uma complexidade que vai além de uma simples oposição binária.

Christys destaca que, embora houvesse episódios de conflito e perseguição, a convivência cotidiana frequentemente envolvia cooperação econômica, social e cultural. Ela demonstra que cristãos e muçulmanos, muitas vezes, compartilhavam espaços comuns, trocavam conhecimentos e se influenciavam mutuamente. As evidências de casamentos mistos, colaborações comerciais e intercâmbios intelectuais são exemplos de como essas comunidades estavam interligadas de maneiras que desmentem uma visão puramente conflitual.

Ao criticar a dicotomia de conflito versus coexistência, Christys sublinha que tal simplificação ignora a rica tapeçaria de interações que caracterizavam a vida em al-Andalus. Argumenta que as narrativas históricas precisam reconhecer as nuances e a diversidade de experiências vividas pelas pessoas nesse período. Essa abordagem permite uma compreensão mais completa e precisa da história, revelando as complexas

relações de poder, identidade e cultura que moldaram a sociedade andaluza.

Em seus estudos, Christys utiliza crônicas, tradições e outras fontes históricas para investigar as experiências e perspectivas de diferentes grupos dentro de al-Andalus. Ela mostra como as crônicas muçulmanas e cristãs oferecem *insights* variados sobre as interações entre as comunidades, destacando tanto os momentos de conflito quanto de cooperação. Ao analisar essas fontes, Christys identifica a presença de outros elementos e grupos, como os judeus e os moçárabes, cuja participação e influência eram significativas na sociedade andaluza.

Esses estudos de crônicas e tradições revelam que as identidades religiosas e culturais eram fluidas e contextuais, desafiando as narrativas monolíticas de oposição binária. Christys, com quem concordamos, demonstra que, ao considerar a variedade de experiências e perspectivas, é possível obter uma visão mais rica e complexa das interações entre cristãos e muçulmanos em al-Andalus.

Uma análise comparativa

A comparação entre as crônicas cristãs e muçulmanas revela a complexidade das interações culturais e políticas na Península Ibérica durante o século VIII. Essas crônicas não são meros registros históricos. Elas são instrumentos de construção de identidade e de memória coletiva. Ginzburg sugere que "a história é uma rede de narrativas concorrentes, cada uma buscando afirmar sua própria versão dos eventos" (2003, p. 78). Esse entendimento nos permite apreciar a riqueza e a diversidade das crônicas ibéricas, reconhecendo que elas são produtos de suas circunstâncias culturais e políticas.

Antes de cruzar, comparativamente, três aspectos selecionados nas obras, vamos fazer uma breve consideração sobre as formas destes documentos, em uma perspectiva também comparada.

Ambas as obras, em suas formas narrativas, visam registrar e transmitir eventos históricos significativos, refletindo as vivências das comunidades que as produziram. Enquanto a *Crônica Bizantino-Arábica* se caracteriza por uma narrativa que exalta o papel do Islã e legitima a dominação cultural e política dos muçulmanos, a *Crônica Moçárabe* apresenta um foco mais restrito, centrando-se na experiência da comunidade cristã sob domínio islâmico. Essa diferença de enfoque revela uma das principais distinções entre os textos: enquanto a *Crônica Bizantino-Arábica* busca consolidar a

identidade islâmica, a *Crônica Moçárabe* destaca a luta e a resiliência de uma identidade cristã específica.

Em termos de língua original, ambas as crônicas utilizam o latim, mas com nuances significativas. A *Crônica Bizantino-Arábica* reflete influências de traduções árabes e gregas, evidenciando um contexto multicultural, enquanto a *Crônica Moçárabe*, composta em latim moçárabe, enfatiza as adaptações linguísticas da comunidade cristã que vive sob a influência islâmica. Essa escolha linguística é um ícone de identidade, uma vez que enfatiza a luta pela preservação da cultura e da fé cristã em um contexto adverso.

Quando se considera o período de datação, ambas as obras capturam momentos críticos. A *Crônica Bizantino-Arábica*, datada de 743-744, reflete um momento de legitimação do poder califal e consolidação do domínio islâmico na Península. Já a *Crônica Moçárabe*, escrita em 754, fornece uma visão concentrada dos desafios e tensões enfrentados pela comunidade cristã após a conquista muçulmana.

Outra dimensão a ser considerada é o público-alvo. A *Crônica Bizantino-Arábica* foi dirigida a leitores latinos e cristãos com intenções apologéticas, destacando a harmonia e o progresso trazidos pelo Islã. Por outro lado, a *Crônica Moçárabe* se dirige à comunidade cristã moçárabe, enfatizando suas dificuldades e a necessidade de resiliência diante da opressão. Essa diferenciação se reflete na retórica utilizada: a *Crônica Bizantino-Arábica* adota um tom triunfalista, enquanto a *Crônica Moçárabe* utiliza uma retórica mais emotiva, que expressa a dor e a luta da comunidade cristã, buscando inspirar esperança e resistência.

Por fim, ao considerarmos os ícones de identidade presentes em ambos os textos, encontramos uma semelhança fundamental: ambos abordam a convivência e o conflito entre as culturas cristã e muçulmana, ressaltando a complexidade da identidade ibérica. No entanto, enquanto a *Crônica Bizantino-Arábica* enfatiza a superioridade do Islã como um sistema civilizacional unificador, a *Crônica Moçárabe* se concentra na preservação da identidade cristã e na luta pela integridade da fé em tempos desafiadores.

Assim, ao longo dessa comparação, é evidente que, embora ambas as crônicas compartilhem a intenção de registrar eventos históricos e transmitir memórias coletivas, elas se distinguem em seus enfoques, retóricas e identidades culturais, revelando a rica complexidade da história da Península Ibérica.

Os pontos de comparação

Como pontos de comparação para este trabalho, elencamos os seguintes temas: a narrativa da conquista, a representação das interações culturais, a construção da identidade e o papel didático das crônicas.

No que se refere à narrativa da conquista, a *Crônica Moçárabe de 754*, escrita por um cristão sob domínio islâmico, apresenta a conquista muçulmana como uma série de eventos traumáticos, destacando a resistência cristã e a perda do reino visigodo. Eduardo Manzano Moreno (2006) observa que "a crônica enfatiza a devastação causada pelos invasores, refletindo o ponto de vista dos cristãos que experimentaram a conquista como uma catástrofe"(p.257). Exemplos como a destruição de Toledo são descritos com detalhamento, retratando a perda simbólica de centros político-religiosos. A narrativa é permeada por um sentimento de lamentação e uma tentativa de preservar a memória do reino visigodo, utilizando uma retórica que enfatiza o papel da religião cristã como um baluarte de identidade.

Por outro lado, a *Crônica Bizantino-Arábica*, como apontado por José Carlos Martín (2010), retrata a conquista como parte de uma missão civilizatória. No capítulo referente a Muça ibn Nusayr, por exemplo, a narrativa descreve a expansão como inevitável e legitimada pela superioridade cultural e política dos califas omíadas. Eventos como a organização administrativa de al-Andalus aparecem com destaque, enfatizando o progresso e a ordem introduzidos pelo Islã. Martín observa que o texto exalta os êxitos militares e a harmonia interna do mundo islâmico em contraposição à decadência e fragmentação do Império Bizantino e do Reino Visigodo. Diferentemente da *Crônica Moçárabe*, que vê os invasores como destruidores, a *Bizantino-Arábica* retrata-os como portadores de estabilidade.

Um elemento interessante de comparação é como ambas as crônicas tratam a figura de Maomé. Na *Crônica Bizantino-Arábica*, ele é descrito como "um líder de linhagem nobre, que trouxe harmonia e liderança às tribos ismaelitas" (BATISTA, 1999, p.53), em contraste com os retratos de divisões políticas no Ocidente cristão. Na *Crônica Moçárabe*, não há referência direta a Maomé. Em vez disso, o foco é colocado nos impactos devastadores da invasão muçulmana sobre a comunidade cristã local.

Quanto a representação das interações culturais, a *Crônica Moçárabe de 754* oferece *insights* valiosos sobre as interações culturais entre cristãos e muçulmanos.

Kenneth Baxter Wolf (1999) destaca que "a crônica, embora centrada na perspectiva cristã, reconhece a complexidade das relações entre as duas comunidades"(p.121). Um exemplo claro é a documentação de conflitos em relação aos tributos, onde os cristãos eram obrigados a pagar impostos diferenciados, mas que, ao mesmo tempo, permitiam a manutenção de suas práticas religiosas.

Por outro lado, a *Crônica Bizantino-Arábica* destaca as relações culturais como um triunfo do sistema islâmico. Ela sublinha a eficiência administrativa ao mencionar como os *waliís* asseguraram estabilidade nas províncias conquistadas. O tom apologético do texto busca mostrar a tolerância e a justiça islâmica em contraste com as divisões internas do mundo cristão. Enquanto a *Crônica Moçárabe* evidencia tensões, a *Bizantino-Arábica* ignora deliberadamente resistências locais, criando uma imagem harmoniosa de coexistência.

Um elemento de contraste está nas descrições das estruturas urbanas. A *Crônica Moçárabe* lamenta a perda de igrejas e mosteiros destruídos, enquanto a *Bizantino-Arábica* celebra a construção de mesquitas como sinal de progresso. Essa diferença reflete não apenas perspectivas ideológicas, mas também a audiência-alvo de cada texto.

No que se refere a construção da identidade, ambas as tradições cronísticas são essenciais para entender a construção da identidade na Península Ibérica do século VIII. A *Crônica Moçárabe de 754*, é uma tentativa de preservar a identidade cristã em meio à hegemonia islâmica, utilizando a memória histórica como um meio de resistência cultural. Um exemplo é a exaltação de figuras visigodas como modelos de resistência cristã.

A *Crônica Bizantino-Arábica*, por sua vez, é como um instrumento propagandístico, moldando a percepção do Islã como um sistema político e religioso superior. Elementos como a exaltação de Maomé e dos primeiros califas são usados para reforçar a narrativa de continuidade e superioridade do mundo islâmico. Martín observa que a construção da identidade islâmica na crônica está intrinsecamente ligada à narrativa de uma missão civilizatória.

A comparação entre essas duas tradições também se reflete na maneira como elas descrevem seus heróis. Na *Crônica Moçárabe*, há uma clara intenção de enaltecer a resistência cristã contra o avanço islâmico, enquanto a *Bizantino-Arábica* utiliza as vitórias militares como ferramenta para reforçar a supremacia cultural do Islã. Esse

contraste não é apenas narrativo, mas também simbólico, refletindo a disputa por hegemonia ideológica na região.

No contexto educativo, ambas as crônicas se apresentam como documentos fundamentais para o entendimento do passado, mas também como ferramentas pedagógicas que transcendem os muros da escola. Inspirando-se na perspectiva de Rodrigo Rainha e no conceito de educação além dos muros ²de Nilda Alves (2001), pode-se interpretar essas obras como guias para uma leitura crítica da história e da memória.

A *Crônica Moçárabe de 754* desempenha um papel didático ao registrar o ponto de vista de uma comunidade cristã sob domínio islâmico. Ela apresenta não apenas os eventos históricos, mas também reflexões sobre resistência e identidade, oferecendo ao leitor contemporâneo uma oportunidade de analisar como as tensões culturais moldaram a narrativa cristã. Seu potencial pedagógico reside em encorajar os estudantes a refletirem sobre as implicações de memória histórica e as dinâmicas de convivência em contextos de opressão e transformação social.

Por outro lado, a *Crônica Bizantino-Arábica* pode ser utilizada como exemplo de como a historiografia pode servir a propósitos políticos e ideológicos. Seu tom apologético em relação à expansão islâmica oferece um contraponto ao relato cristão, ilustrando como diferentes contextos culturais podem moldar a visão do mesmo evento histórico. Para os educadores, a *Bizantino-Arábica* apresenta a oportunidade de discutir com os alunos como as narrativas históricas são construídas para atender às necessidades de diferentes audiências e projetos de poder.

Ambas as crônicas permitem ao professor atuar como um mestre das informações do passado, guiando os alunos na análise crítica de fontes históricas e no entendimento de como o passado pode ser utilizado para construir identidades no presente. Como sugere Rodrigo Rainha (2021), os cronistas medievais, ao registrarem sua visão de mundo, assumem o papel de educadores que transmitem lições não apenas sobre os fatos, mas também sobre os valores e interpretações de sua época. Essa abordagem amplia o escopo da educação histórica, conectando-a a temas contemporâneos como pluralidade cultural, disputas de poder e construção da memória.

² O conceito de redes em educação trabalha com a perspectiva que o saber escolarizado, social e científico se entrelaçam de maneira contínua. Dessa forma, tudo o que é produzido em um reflete e faz parte do discurso do outro, sem um isolamento e sem a perspectiva de sacralização de um desses saberes e trocas.

As duas crônicas representam perspectivas concorrentes de um mesmo contexto histórico, oferecendo um retrato multifacetado da complexidade cultural e política da Península Ibérica. Enquanto a *Crônica Moçárabe* reflete a luta e a resiliência de uma identidade cristã ameaçada, a *Crônica Bizantino-Arábica* projeta uma visão triunfalista e unificadora do Islã. Essa comparação destaca como documentos históricos podem servir a diferentes propósitos, desde a preservação da memória até a propaganda política. Ao analisar ambos os textos, fica evidente que a história da Península Ibérica no século VIII é marcada por narrativas que se entrelaçam e se contrapõem, refletindo a riqueza e a diversidade das vozes que contribuíram para a construção de sua identidade histórica.

Conclusão

A análise comparativa da crônica bizantino-arábica e da *Crônica Moçárabe de 754* revela a complexidade das interações culturais e políticas na Península Ibérica do século VIII. Essas crônicas são mais do que meros registros históricos. Elas são instrumentos de construção de identidade e de memória coletiva. A narrativa da conquista, a representação das interações culturais e a construção da identidade são temas centrais que emergem dessas fontes, oferecendo uma compreensão mais rica e nuançada da história ibérica.

A abordagem de Carlo Ginzburg fornece um quadro teórico útil para essa análise, destacando a importância das trocas culturais e da construção coletiva da identidade. A história da Península Ibérica do século VIII, como revelada através dessas crônicas, é uma história de complexidade e interação, onde as fronteiras entre conquista e cooperação, resistência e adaptação, são constantemente negociadas. A abordagem de Rodrigo Rainha, quando combinada com as teorias de Nilda Alves sobre documentação e identidade, ilustra como as crônicas eram fundamentais na formação de identidades sociais e culturais, fortalecendo o papel dos mestres como figuras centrais na educação de seus discípulos. Essa integração entre narrativa, ensino e construção identitária demonstra a importância das crônicas como ferramentas educativas no contexto medieval.

Referências Bibliográficas

Fontes

BATISTA RODRÍGUEZ, J.J. & BLANCO SILVA, R. Una crónica mozárabe a la que se ha dado en llamar Arábigo-bizantina de 741: un comentario y una traducción. In: **Revista de Filología de la Universidad de La Laguna**, n.º 17, 1999, p. 53-67.

LÓPEZ PEREIRA, José Eduardo. **Crónica Mozárabe de 754**: Edición crítica y traducción. Zaragoza: Anubar, 1980.

MARTÍN, José Carlos. **Los Chronica Byzantia-Arabica: Contribución a la discusión sobre su autoría y datación, y traducción anotada**. E-Spania, 2010.

Bibliografia

ALVES, Nilda. **Cultura e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BARBOSA, Inês. **Trabalho docente, cotidiano e profissão**. São Paulo: Cortez, 2014.

CARLOS, Ann. **Medieval narratives of Muslim Spain: A comparative study of the Mozarabic Chronicle of 754 and the Latin Chronicle of the Kings of Castile**. University of California Press, 1999.

CHRISTYS, Ann. **Christians in al-Andalus (711-1000)**. Routledge, 2002.

FIERRO, Isabel. **Abd al-Rahman III: The First Cordoban Caliph**. Oneworld Publications, 2005.

GARCIA SANJUÁN, Alejandro. **La conquista islámica de la península ibérica y la tergiversación del pasado: Del catastrofismo al negacionismo**. Madrid: Marcial Pons Historia, 2013.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma Ilha é uma Ilha: Quatro Olhares sobre a Literatura Inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MANZANO MORENO, Eduardo. **Conquistadores, emires y califas: los Omeyas y la formación de al-Andalus**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

RAINHA, Rodrigo dos Santos. **A educação no Reino Visigodo: um estudo sobre as relações de poder e o Epistolário de Bráulio de Saragoça**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2007.

RAINHA, Rodrigo dos Santos. **Entre Mestres e Discípulos: Identidade, poder e saberes na Alta Idade Média**. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

REI, António. "Memória de uma cultura de resistência (séc. VIII-XII)". **32**, [S.l.], n. 13, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/medievalista/1047>. Acesso em:

23/12/2024

WOLF, Kenneth Baxter. **Christian Martyrs in Muslim Spain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

TAHIRI, Ahmed. Gharb al-Magreb y al-Andalus nos itinerários geográficos. In: **Itinerários e Reinos: Uma descoberta do Mundo**. Coord. Ahmed TAHIRI, Catarina OLIVEIRA & Fatima-Zahra AITOUTOUHEN TEMSAMANI. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de VRSA, 2011. p. 43-62.

Recebido: 09/12/2024

Aprovado: 09/01/2025